



## Ignácio de Loyola Brandão Nunca esquecer 64

Para Clarice Herzog

**D**ia 31 de março de 1964. Ao chegar ao jornal *Última Hora*, dei com a porta de ferro baixada. Pequena abertura me deixou entrar. Duas da tarde, redação superlotada e silenciosa. Soubemos que o general Mourão, à frente das tropas, descia para o Rio de Janeiro, aguardando a adesão de Amaury Kruehl, chefe do Exército em São Paulo. *UH* era pró-Jango Goulart, herdeiro de Getúlio. Havia dias o noticiário nos deixava inquietos. A polícia viria nos empastelar. Nessa tarde, o que nos atemorizava era a informação de que o Comando

de Caça aos Comunistas, armado, deixara o Mackenzie e descia rumo ao Anhangabaú, onde estávamos. Diretores pediram que as mulheres saíssem, *UH* tinha muitas jornalistas, colonistas, diagramadoras, telefonistas. Sabíamos que o encontro poderia ser violento. Nenhuma arredou pé. A grega Alik Kostakis, poderosa colonista social, com sua voz rouca, dizia: "Pensar que vamos morrer aos pés do convento de São Bento é ironia". Soubemos que o CCC desviou na Praça Ramos de Azevedo e foi atazanar os estudantes de Direito da São Francisco. Mas ficou a tensão. Até que, 6 da tarde, um bata-

lhão da Força Pública, hoje PM, invadiu o jornal, quebrou teletipos, telefones, máquinas de escrever, rasgou jornais e livros, estourou armários, prendeu al-

**Jornalistas estavam desaparecidos. Vlado, que trabalhara na 'UH', nunca mais voltou. Foi morto**

guns. Naquela noite, fui ao Ghetto, onde se reunia a classe artística. A certa altura, Maurício Loureiro Gama e o repórter Tico-Tico (conhecido como um dedo-duro), jornalistas da

Tupi, abriram a porta gritando: "Vencemos o comunismo!".

O jornal foi fechado. Todos os dias eu passava em frente, havia PMS encostados. Os policiais sumiram, o jornal reabriu duas semanas depois, 40% de gráficos (altamente politizados) e jornalistas estavam desaparecidos. Presos, ou o quê? A ditadura tinha começado.

Mas havia um elemento novo. O censor. Sentava-se junto ao editor. Este fechava as páginas e as entregava àquele senhor que nem sequer disse o nome. Quando perguntei como saber o que podíamos ou não publicar, ele respondeu: "Eu sei. Obedeça. Outra pergunta dessa, te

prendo". Na primeira edição pós-golpe, o jornal apareceu com espaços em branco. Eram os lugares de matérias vetadas (assim dizia o carimbo verde), textos, notas e fotos. O *Estadão* contornou, publicando receitas ou poemas de Camões. Cada um criou uma forma de escapar. Todas reprimidas. Mal imaginava eu que, em 1976, meu romance *Zero* seria proibido. Tinha levado dez anos para escrevê-lo: 500 livros foram cancelados. Anos depois, voltaram à vida. Vlado Herzog, que trabalhara na *UH*, nunca mais voltou. Foi morto. ●

É JORNALISTA E ESCRITOR, AUTOR DE 'ZERO' E 'NÃO VERÁS PAÍS NENHUM'

SEG Simão Castro (quizenal) • TER, Patrícia Ferraz • QUA, Roberto DaMatta • QUL, Luciana Garbin (quizenal), Patrícia Ferraz • SEX, Marcelo Rubens Paiva (quizenal) e Maria Fernanda Rodrigues • SAB, Alice Ferraz, Suzana Barelli e Daniel Martins de Barros (quizenal) • DOM, Leandro Karnal, Sérgio Augusto e Ignácio de Loyola Brandão (quizenal)

### Mercado Polêmica

## Controle de direitos reduz música a investimento

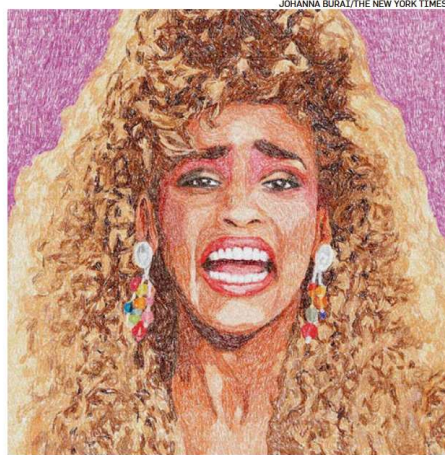
**A invasão dessa área pelo alto capital concentra os ganhos em escala inédita e fecha as portas a quem cria e produz**

MARC HOGAN  
THE NEW YORK TIMES

Você acha que já ouviu em algum lugar aquela música no seu celular, rádio ou cinema? O private equity – setor responsável pela falência de empresas, pela destruição de postos de trabalho e pelo aumento das taxas de mortalidade nos lares de idosos que adquire – está ganhando dinheiro ao devorar os direitos de sucessos antigos e trazê-los de volta ao nosso presente.

O resultado é uma cena musical mais medíocre, uma vez que os financistas caniblizam o passado à custa do futuro e dificultam o desenvolvimento de novos artistas. Veja-se, por exemplo, o sucesso de Whitney Houston de 1987, *I Wanna Dance With Somebody (Who Loves Me)*, que foi comprado em 2022 em um acordo de US\$ 50 milhões a US\$ 100 milhões com a Primary Wave, editora financiada por empresas de private equity. A música voltou ao nosso hipocampo coletivo por causa de um filme sobre a cantora, intitulado, naturalmente, *I Wanna Dance With Somebody*, que ajudou a bombar toda a coleção de sucessos de Houston.

A Primary Wave – que fechou vários acordos com artistas ou seus espólios que po-



Sucesso de Whitney Houston foi comprado por mais de US\$ 50 milhões

dem incluir direitos de publicação, de imagem e receitas de streaming – também ajudou a lançar uma fragrância exclusiva de Whitney Houston e um token não fungível baseado em gravação inédita da cantora.

Comprar os direitos de um sucesso comprovado, tirar o pó e reempacotá-lo como um filme pode causar boa impressão na conferência de acionistas, mas pouco colabora para um ecossistema musical sustentável e vibrante.

**DISTORÇÕES.** Empresas de private equity investiram bilhões de dólares na música, acreditando que seria uma fonte de rendimento crescente e confiável. Os investidores gastaram US\$ 12 bilhões em direitos mu-

### Foco

#### US\$ 12 bilhões

Foi quanto aplicaram, em direitos musicais, os investidores de private equity em 2021 – mais que em toda a década anterior

sicais só em 2021 – mais do que em toda a década anterior à pandemia. Embora seja mixaria para um setor com US\$ 2,59 trilhões em ativos não investidos, os veteranos da música encaram os investimentos como sinal de confiança para uma indústria que, puxada pelo streaming, se recupera de uma década e meia de resulta-

dos ruins. O clima turbulento – combinado com a perda de receitas de turnês por causa da covid – fez com que muitos artistas, como Stevie Nicks e Shakira, achassem boa ideia vender seus catálogos por milhões de dólares.

Resultado: na próxima vez que ouvir *Firework*, de Katy Perry, *Can't Stop the Feeling*, de Justin Timberlake, e *Born to Run*, de Bruce Springsteen, você estará enchendo os bolsos das empresas Carlyle, Blackstone e Eldridge. E *Do Ya Think I'm Sexy*, de Rod Stewart, significa mais dinheiro no caixa da HPS Investment Partners.

**PASSADORENTÁVEL.** Assim como grandes estúdios lançam filmes ligados a produtos já populares, os novos senhores da música estão explorando suas aquisições construindo universos multimídia em torno de canções que foram sucesso na Guerra Fria – em programas de TV, cinebiografias e versões holográficas de artistas que morreram faz tempo. Enquanto isso, artistas dos escalões inferiores ficam abandonados – recentemente, a Spotify cancelou pagamentos a faixas abaixo de mil reproduções anuais. "Por que você perderia tempo tentando criar algo novo, se você tem um catálogo?", perguntou Merck Mercuriadis, ex-empresário de Beyoncé e Elton John que fundou a Hipgnosis.

Essa destruição criativa enfraquece ainda mais uma indústria que já oferece poucos incentivos econômicos a quem quer fazer algo novo. Nos anos 1990, uma banda podia vender 10 mil cópias de um

álbum e gerar US\$ 50 mil em receita. Para ganhar a mesma quantia em 2024, o álbum inteiro da banda precisaria acumular um milhão de reproduções no streaming.

Felizmente, parte desse cenário está mudando. Quando, recentemente, as taxas de juro subiram, o frenesi desapareceu. Em fevereiro veio a notícia de que o gigante da private equity KKR estava se retirando do espaço musical. Depois, o Hipgnosis Songs Fund reduziu o valor de seu portfólio musical em mais de um quarto após uma revolta dos acionistas. A venda dos catálogos do Pink Floyd, por US\$ 500 milhões, e do Queen, por US\$ 1,2 bilhão, ainda não foi adiante.

**Horizonte**  
**Esperança é que número de clientes chegue ao fim e diminua o crescimento de assinantes do streaming**

Tudo bem. Toda música é um pouco cópia de outras – mas é difícil argumentar que artistas já ricos deveriam receber remunerações no nível dos anos 1990 pelo tipo de mercadoria reciclada que o private equity exige.

O crescimento das assinaturas de serviços de streaming como Spotify e Apple Music deve diminuir à medida que o número de clientes chega ao limite. Talvez os valores dos direitos musicais se estabilizem e sobre mais dinheiro disponível para os músicos que estão começando a carreira. ●

TRA-DUÇÃO DE RENATO PRELORENTZOU